



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO

BIANCA TAISE NASCIMENTO DE LIMA BIONE
CHRISLÁINNY RODRIGUES NASCIMENTO PEREIRA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE SURDOS: o que dizem os estudantes de
pedagogia da UFPE?**

Recife

2023

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE SURDOS: o que dizem os estudantes de pedagogia da UFPE?

LITERACY AND LITERACY FOR DEAF PEOPLE: what do pedagogy students at UFPE say?

Bianca Taise Nascimento de Lima Bione¹
Chrislãinny Rodrigues Nascimento Pereira²
Wilma Pastor de Andrade Sousa³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as compreensões dos estudantes do curso de Pedagogia da UFPE acerca da Alfabetização e Letramento de surdos. Pesquisa de cunho qualitativo, cuja coleta de dados ocorreu por meio de um questionário via *Google Forms* e entrevistas semiestruturadas no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. O público-alvo foram os discentes do segundo e do oitavo período do curso de Pedagogia. Os resultados mostraram que grande parte dos participantes possuem uma compreensão superficial sobre a temática. Os dados também revelaram que apenas os participantes que cursaram a disciplina de Libras e, principalmente, a eletiva de Alfabetização e Letramento de surdos, compreendem de modo mais aprofundado sobre o tema em questão. Conclui-se, portanto, que há necessidade de maior investimento de discussão no curso de Pedagogia da UFPE sobre Educação de Surdos, sobretudo acerca de Alfabetização e Letramento.

Palavras-chave: alfabetização; educação bilíngue; letramento; libras; surdos.

ABSTRACT

This work aims to analyze the understandings of students on the Pedagogy course at UFPE about Literacy and Literacy for deaf people. Qualitative research, whose data collection occurred through a questionnaire via Google Forms and semistructured interviews, at the Education Center of the Federal University of Pernambuco. The target audience was students in the second and eighth period of the Pedagogy course. The results show that a large part of the participants have a superficial understanding of the topic. The data also revealed that only participants who took the Libras discipline and, especially, the elective course on Literacy and Literacy for deaf people, have a deeper understanding of the topic in question. Therefore, it is concluded that there is a need for greater investment in discussing Deaf Education, particularly in regard to Literacy and Literacy, in the Pedagogy course at UFPE.

Keywords: literacy; bilingual education; brazilian sign language (libras); deaf people.

¹ Licencianda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

² Licencianda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

³ Prof^a Dr^a do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação - Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

1 INTRODUÇÃO

A Alfabetização e Letramento são processos de grande importância na formação escolar do sujeito, pois proporcionam a aprendizagem dos princípios do sistema de escrita, seus significados e função social, já que, desde cedo, as crianças estão submersas em um universo letrado, rodeadas de estímulos visuais, como *outdoor* e livros, por exemplo. Dessa forma, destacamos a relevância da apropriação da leitura e da escrita indispensáveis para interação e comunicação.

A escola é um ambiente de interação social e cultural movida pela oralidade, logo, o estudante surdo se põe em desvantagem no que se refere às trocas de saberes e à aprendizagem. A Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021 (Brasil, 2021), que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, garante a educação bilíngue para surdos. Seu art. 60-B do Capítulo V-A, assegura professores bilíngues com formação superior e a utilização de metodologias e recursos específicos que atendam às especificidades das crianças surdas. Entretanto, estudos como o de Fernandes (2006) mostram que ainda há a prevalência da reprodução de práticas metodológicas alfabetizadoras oralizadas que ignoram tais especificidades.

Segundo Fernandes (2006, p.8), o sujeito com surdez possui uma diferença no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, pois, ele não passa pelo conhecimento fonológico para aprender a ler e escrever, mas aprende através de recursos visuais e não oralizados, sendo-lhes atribuído a denominação de “leitores não alfabetizados”. Dessa forma, a criança surda perpassa pelo processo do Letramento.

No processo de Letramento da criança surda, Oliveira e Silva (2012) apontam o Bilinguismo como principal pressuposto, que atenderá o surdo em todas as suas especificidades. Ou seja, o indivíduo surdo brasileiro deverá adquirir a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como sua primeira língua, e o português escrito, como sua segunda língua (Brasil, 2021). Nesse sentido, o Letramento propiciará ao indivíduo surdo o acesso aos conhecimentos e produções desenvolvidas pela sociedade, bem como a leitura e produção de textos. Assim, observamos que o Letramento de surdos é um direito que deve ser garantido com qualidade e aperfeiçoamento.

Diante da trajetória histórica da comunidade surda, é possível identificar grandes conquistas como o artigo 3º do Decreto Nº. 5.626/05 que dispõe da inserção da Libras no currículo como disciplina obrigatória para os cursos de formação de professores do magistério, em nível médio e superior, bem como nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições educacionais públicas e privadas, dos sistemas de ensino Federal, dos Estados, Distrito Federal e Municípios (Brasil, 2005).

Entretanto, é notório que a cultura surda ainda não obteve um espaço de destaque nos debates dentro das universidades e, por vezes, os seus currículos se restringem a destacar os surdos apenas como usuários da Libras, sem o reconhecimento e valorização de sua cultura como

desvelam Rosa e Chaves (2019). Nesse contexto, Furtado e Oliveira (2019) apontam que tanto o espaço quanto o currículo acadêmico são pensados e elaborados por e para ouvintes, resultando na oralização como agente principal para a comunicação e deixando à margem as especificidades dos sujeitos surdos.

Diante disso, é de suma importância que a universidade propicie um ambiente que suscite o debate acerca das barreiras enfrentadas pela comunidade surda, bem como oferecer uma formação inicial que garanta, aos futuros professores, meios e mecanismo para que possam atuar no espaço escolar, de modo que contribuam com a representatividade da cultura surda, e respeitem à Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a primeira língua do surdo.

O olhar das pesquisadoras para esta temática enquanto pesquisa surgiu a partir de questionamentos originados em discussões em duas disciplinas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE: “Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais – Libras” e da eletiva “Alfabetização e Letramento de surdos”. Diante disso, destaca-se o seguinte problema de pesquisa: quais as compreensões dos estudantes do segundo e do oitavo períodos, do curso de Pedagogia da UFPE, acerca da temática da Alfabetização e Letramento de surdos?

Dessa maneira, compreende-se a importância deste estudo no meio social, por entendermos que a sua contribuição poderá acender debates e reflexões acerca do Letramento de pessoas surdas na perspectiva da educação bilíngue, além de contribuir na construção da identidade dessas pessoas, à medida que elas fazem uso da Libras como uma língua de instrução desde o nascimento.

Com base nisso, este estudo tem como objetivo geral analisar quais as compreensões dos estudantes do curso de Pedagogia da UFPE acerca da Alfabetização e Letramento de surdos. Enquanto específicos: 1) Descrever o perfil dos estudantes do segundo e do oitavo períodos do curso de Pedagogia da UFPE; 2) Identificar quais as compreensões dos estudantes do curso de Pedagogia sobre como ocorre o processo de Alfabetização e Letramento de surdos; e 3) Destacar as peculiaridades apontadas pelos estudantes do curso de Pedagogia acerca da Alfabetização e Letramento de surdos.

Para endossar nossa discussão, o marco teórico está dividido em duas partes, na primeira discutiremos sobre educação bilíngue para surdos e na segunda parte, Alfabetização e Letramento de surdos. Na sequência, descreveremos nosso procedimento metodológico, em que os dados coletados serão discutidos com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Posteriormente, apresentaremos as análises dos resultados, e por fim, a conclusão do nosso estudo nas considerações finais.

2 MARCO TEÓRICO

Nesta seção, organizamos a temática em duas categorias teóricas: Educação bilíngue para surdos, onde focamos em discutir como os resultados insatisfatórios dos estudos sobre o desenvolvimento cognitivo dos surdos, motivaram alguns estudiosos a averiguar outros instrumentos de avaliação que atendessem as singularidades dos surdos, resultando em uma notoriedade à língua natural deles.

Ainda para fundamentar este tópico, por meio dos marcos legais, destacamos o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como a língua natural dos surdos com a Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), sua regulamentação através do Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), que ainda traz a definição de pessoa surda e inclui a Libras como disciplina obrigatória nas instituições educacionais. E o reconhecimento da educação bilíngue para surdos, por meio da Lei nº 14.191 de 2021 (Brasil, 2021).

No segundo tópico, Alfabetização e Letramento de surdos, buscamos distinguir os dois termos na visão de Soares (2004) e a importância da Alfabetização ocorrer na perspectiva do Letramento, conforme Soares (2009). Em seguida, destacamos Fernandes (2006) para enfatizar o processo de aquisição da língua natural dos surdos, bem como a diferenciação estrutural entre a língua de sinais (L1) e a língua portuguesa escrita (L2). E, por último, baseado em Sousa (2014), discorreremos sobre algumas estratégias facilitadoras para o processo de Letramento de surdos.

2.1 EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Por muitos anos os estudos do desenvolvimento cognitivo das crianças surdas destacavam-se por compreenderem os surdos como seres desprovidos de linguagem (Amaral, 2008). Pautavam-se em compreender as diferenças existentes entre os surdos e os ouvintes em distintas esferas, como a inter-relação social, inteligência, compreensão, dentre outros. Entretanto, os instrumentos utilizados para os testes estavam apenas aptos e adequados aos ouvintes, não atendendo aos indivíduos surdos, colocando-os em desvantagens.

Segundo Amaral (2008), a preocupação em entender apenas as dificuldades dos sujeitos surdos, ao invés das suas causas, ocasionou em resultados reducionistas, insuficientes e sem valor científico. Este fato mobilizou alguns estudiosos e educadores a proporem métodos investigativos assertivos que atendessem as peculiaridades das crianças surdas. Com a mudança no caminho da investigação do desenvolvimento cognitivos dos surdos, William Stokoe, em 1960, foi o precursor ao constatar, através dos elementos presentes na forma de comunicação, entre os surdos americanos, uma língua natural, futuramente intitulada de *American Sign Language* (ASL),

trazendo visibilidade das línguas de sinais para a sociedade e para a academia.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como língua natural dos surdos pela Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002, p. 1), sendo compreendida como um meio de expressão e comunicação “em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. Essa lei, citada anteriormente, é regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005) que define a pessoa surda como aquela que se comunica através da linguagem visual, e se expressa culturalmente através da Libras.

Os marcos legais são fundamentais para a garantia dos direitos conquistados através das lutas pela comunidade surda, principalmente na educação. Assim, o Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), garante a inclusão da Libras como disciplina obrigatória no currículo das instituições educacionais nos cursos de formação de professores que incluem todos os cursos de licenciatura, o curso normal nível médio e normal superior, Pedagogia, Educação Especial e nos cursos de Fonoaudiologia; instrui a formação do professor; promove o uso e difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso à educação desde a educação infantil até o ensino superior.

Ainda no art. 14 deste mesmo decreto, existe a determinação de que as entidades privadas e públicas, em todas as esferas, busquem formas de garantir “o acesso à comunicação, à informação e à educação” (Brasil, 2005, p. 4) para os alunos surdos ou que possuam deficiência auditiva. Esse aspecto endossa a discussão sobre a inclusão através da organização de um ambiente bilíngue, conforme o art. 22, incisos I e II:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (Brasil, 2005, p. 7)

Sendo assim, com a concepção da língua de sinais como a língua materna dos surdos, é necessário que o ambiente escolar, como espaço formal, estimule a apropriação dessa língua natural, bem como a língua portuguesa (escrita), como “língua social e de cultura pátria” (Kober, 2008, p. 162), adotando práticas educacionais na perspectiva bilíngue para surdos.

A educação bilíngue para surdos, é reconhecida por meio da Lei nº 14.191 de 2021 (Brasil, 2021), como o ensino que promove a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua (L1), e como segunda língua, o português escrito (L2). Essa modalidade de educação tem como objetivo propiciar uma educação que contemple a identidade cultural e lingüística dos sujeitos surdos, respeitando sua condição. Nessa perspectiva, Sousa (2014, p. 38) aponta que:

O bilinguismo não só respeita a língua dos sujeitos surdos, como também considera outros aspectos que influenciam diretamente na educação desses sujeitos, como a construção de uma identidade saudável e uma cultura pautada na língua em uso, promovendo um ambiente educacional e um ensino-aprendizagem acessíveis e com melhores condições.

Por conseguinte, é indispensável a criação de espaços enriquecidos de estímulos para aquisição da Libras, objetivando que muitas crianças surdas de pais ouvintes possuam acesso a sua língua materna. Tendo em vista que, segundo Santos (2020), o contato desde cedo com a Libras é essencial para o seu desenvolvimento cognitivo e o seu processo de aprendizagem, uma vez que a apropriação da linguagem ocorre durante a infância. Assim, a educação bilíngue para surdos assegura o acesso precoce à língua de sinais e proporciona metodologias que atendam a comunicação visual (Oliveira e Silva, 2012).

Para a educação bilíngue se tornar efetiva, é necessário que a cultura surda seja promovida em seus espaços de ensino, a fim de que os surdos adquiram uma educação integral, como garantida pela legislação, pois são nesses espaços que terão a oportunidade de desenvolver e manter sua cultura e língua (Thoma, 2016). Soma-se a isso, a necessidade das identidades das pessoas com surdez serem afirmadas e desenvolvidas nos espaços bilíngues, promovendo um ensino sensorial visual estimulando seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, cultural e social (Brasil, 2014).

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE SURDOS

Segundo Soares (2004), a Alfabetização e Letramento são processos que coexistem entre si, ou seja, são interdependentes e ocorrem de forma sincrônica, porém são processos distintos que possuem especificidades nos campos das habilidades, competências e conhecimentos, e que exigem diferentes metodologias para as aprendizagens. Essa autora ainda afirma que, embora seja um erro querer dissociar a Alfabetização e o Letramento, faz-se necessário compreender as diferenças existentes entre os termos.

Dessa forma, Soares, (2009, p. 47), define Alfabetização como “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”. Enquanto isso, o termo Letramento está diretamente ligado ao “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.” Assim, propõe a concepção da Alfabetização em uma perspectiva do Letramento, no qual a criança deve apropriar-se do sistema da escrita alfabética dentro de um cenário social, atendendo as demandas de leitura e escrita.

Em relação à educação do surdo, o que se vê nas escolas são processos de Alfabetização baseados em propostas regulares que enfatizam metodologias orais em sala de aula. Conforme Oliveira e Silva (2012), essas metodologias facilitam a aprendizagem da escrita alfabética para

crianças ouvintes, por adquirirem a sua língua materna de maneira natural, possuindo uma referência linguística ao iniciar o processo de Alfabetização. Logo, as crianças surdas, por não possuírem a língua oral naturalmente como base para a escrita da língua portuguesa, encontram dificuldades durante esse processo.

Fernandes (2006) destaca a importância de compreendermos que, diferentemente das crianças ouvintes que se utilizam das propriedades fonológicas que provém de sua fala, as crianças surdas, usuárias das Libras, utilizam-se de recursos visuais para a aquisição da língua de sinais. Portanto, para esta última, essa autora explicita que não há conformidade entre os elementos que compõem a estrutura da língua de sinais e do português escrito.

Nesse contexto, o alfabetizar envolve a relação fonema-grafema e não há o reconhecimento dessa relação devido a sua condição. Assim, torna-se importante pensar na aquisição da língua de sinais que deve ocorrer de forma precoce, desde a educação infantil, durante o desenvolvimento da criança surda nas situações cotidianas e sociais, pois ao adentrar no ambiente escolar elas, provavelmente, já terão experienciado práticas de leitura e escrita.

Kober (2008, p. 164) afirma que:

é imprescindível considerar o acesso à língua de sinais pela criança surda o mais cedo possível, oferecendo a ela uma vivência *estruturante* com surdos usuários dessa língua, seus pares linguísticos. É isso que vai garantir sua apropriação da linguagem a partir da prática significativa da língua de sinais.

Assim, é de suma importância que crianças surdas aprendam Libras desde cedo, pois isso facilita sua apropriação da linguagem e comunicação eficaz. Conforme Sousa (2021, p. 388) o contato com a língua de sinais e a cultura surda, “evitará um distanciamento dos padrões do desenvolvimento socioafetivo, cognitivo e de linguagem, possibilitando a essas crianças um pleno desenvolvimento.” Além disso, a interação com outros surdos, permite a construção de relações significativas e o compartilhamento de experiências culturais. Diante disso, destacamos a relevância da educação informal no processo de aquisição da L1 dos sujeitos surdos, tendo em vista que estes espaços possibilitam a socialização dos indivíduos, vivenciando cultura e se expressando através do uso de sua língua natural. Segundo Gohn (2006), a educação informal ocorre de forma espontânea, em que as práticas e experiências anteriores transmitem conhecimentos, tornando-se um processo dinâmico e contínuo.

Ademais, Sousa (2014) alega que a criança surda precisa estabelecer, primeiramente, a diferenciação entre sua primeira língua (L1) e a língua escrita (L2), antes do processo de aprendizagem da leitura. Sendo indispensável, para que elas consigam fazer a correlação e

compreender as estratégias utilizadas pelos professores, para o reconhecimento das igualdades e diferenças entre as duas línguas.

Diante dessa discussão, o Letramento, definido como “o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita para surdos” (Fernandes 2006, p. 8), permite ao aluno surdo passar da língua de sinais (língua não-alfabética) para língua portuguesa escrita (língua alfabética), tornando-se leitores não alfabetizados, pois não farão relação letra-som sendo assim, o processo ocorrerá por meio dos símbolos visuais e não-auditivos (Fernandes, 2006).

Desse modo, é importante ressaltar que, no processo de Letramento, a leitura e a escrita são complementares, dependentes e se fazem presentes nas práticas sociais. Assim, o Letramento está interligado aos contextos de leitura e sem ela torna-se impossível o seu desenvolvimento (Fernandes, 2006). No caso dos alunos surdos, o processo de leitura ocorre de forma diferente dos ouvintes, uma vez que não recorrem a rota fonológica (relação grafema-fonema), mas a rota lexical.

Segundo Fernandes (2006, p. 10) a rota lexical ou ortográfica é

o percurso cognitivo utilizado para a leitura pelos surdos. A identificação da palavra ocorre sem a pronúncia da palavra (rota fonológica) mas por meio de seu reconhecimento visual. As palavras são lidas com base em sua forma ortográfica, ou seja, a palavra impressa é imediatamente relacionada a um conceito, sem que seja necessário recorrer à sua estrutura sonora.

A autora ainda destaca que a leitura de palavras isoladas não é o suficiente para que haja compreensão, para que isso ocorra é necessário que as atividades de leitura sejam realizadas dentro de um contexto, o qual trará sentido para o texto escrito. Essa autora também aponta que a complexidade no processo do Letramento demanda do entendimento quanto às singularidades linguísticas do surdo em todo o momento do processo, como a mediação e a construção de sentido por meio das Libras, e de metodologias adequadas que deverão ser pensadas para a inclusão e garantia desse direito ao surdo. Não obstante, é preciso buscar práticas que tragam significações do português escrito para a pessoa surda, de maneira que ocorra uma aprendizagem significativa.

As práticas de Letramento devem ocorrer em uma abordagem bilíngue e bicultural. Posto que, de modo geral, estamos em contato com diversos suportes de “textos escritos, textos-imagem e imagens-texto” (Kober, 2008, p.174), rodeados de cultura da imagem e cultura escrita nos mais diversos espaços.

Assim, é imprescindível salientar o papel do professor como modelo de escritor e leitor, ao mesmo tempo em que é o mediador que ajuda os estudantes a atribuir sentido, associando a língua de sinais à língua escrita (Kober, 2008). Além disso, Freitas (2020) aponta alguns parâmetros quanto ao professor nesse processo: a necessidade de compreender que a língua portuguesa não é a língua de constituição de aprendizagem do surdo; é preciso ser fluente em Libras e na língua

portuguesa; é indispensável a utilização de textos reais para a leitura, durante o ensino da língua portuguesa, sendo estes a principal forma de acesso a língua.

Dessa forma, é importante o professor propor estratégias que facilitem o processo de Letramento de crianças surdas. Sousa (2014) cita a utilização de jogos que abordam a língua de sinais e a língua portuguesa escrita, sendo necessário a utilização de cartelas com a figura, o sinal em Libras e a palavra escrita. A utilização de figuras, permite à criança surda relacionar o sinal, resultando na escrita da palavra. Kober (2008, p. 177) exemplifica a prática do uso de diários, com a finalidade de “intensificar o uso social, desenvolver o hábito e a fluência de escrita, além de ampliar sua experiência significativa na segunda língua”, permitindo que a criança escreva suas experiências, numa escrita livre e mediada pelo professor, também tradutor e escriba, que realiza mediações nas suas hipóteses de escrita sem desconsiderar suas singularidades.

Ainda sobre práticas de Letramento, Guarruti-Lourenço *et al* (2017) trazem a contação de história que possibilita o desenvolvimento da língua oral e escrita, estimula a criatividade, ludicidade, interação adulto/criança. Do mesmo modo que fortalece o contato com os bens culturais. Para isso, as histórias devem ser narradas em Libras e passar pelas adaptações socioculturais e linguísticas, ou seja, é necessário a utilização de símbolos da cultura surda. Um aspecto importante é que o contador se atente às expressões faciais e corporais, tidas como expressões não-manuais e igualmente faça um adendo a sua posição corporal nas trocas de personagens, realizando a marcação do espaço para que as crianças compreendam os acontecimentos referente a história.

Com os exemplos de algumas das diversas possibilidades de estratégias e discussão teórica aqui levantadas, exemplificamos as singularidades do sujeito surdo em sua jornada no Letramento, dentro de uma perspectiva bilíngue. Diante disso, compreendemos que tais práticas impulsionam a ruptura de métodos tradicionais e estáticos que estão arraigados no ambiente escolar e que desprezam as subjetividades dos indivíduos surdos em seu processo de aquisição da Libras (L1) e aprendizagens do português escrito (L2). Esses mecanismos suscitam a formação de sujeitos que sejam realmente letrados e não de meros decodificadores ou copiadores.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para o alcance dos objetivos propostos neste estudo, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativa, que está designada à uma realidade não quantificada, visto que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2007, p. 21), isto é, busca explorar de maneira subjetiva o objeto estudado.

A estratégia abordada foi a pesquisa de campo, que possibilita uma relação com o objeto de

estudo; bem como desenvolver um conhecimento, partindo da realidade presente no campo e esta aproximação possui uma grande relevância (Minayo, 2007). Assim, o campo de pesquisa foi o Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, especificamente no curso de Pedagogia desta instituição de ensino superior.

Os participantes desta pesquisa foram dezoito (18) licenciandos(as) do curso de Pedagogia da UFPE, sete (07) estavam matriculados no segundo período e onze (11) no oitavo. A escolha desses períodos se deu a partir do intuito de compreendermos como se dá o entendimento dos alunos no início e no final da graduação acerca da Alfabetização e Letramento de estudantes surdos e suas respectivas peculiaridades.

Para a produção de dados, esta pesquisa foi dividida em dois momentos. No primeiro momento foi aplicado um questionário, elaborado pelas pesquisadoras, a partir da plataforma *Google Forms*. Este questionário envolveu questões, como período em que o licenciado(a) está matriculado, se já cursaram a disciplina Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais, a eletiva de Alfabetização e Letramentos de surdos e sobre conhecimentos e experiências acadêmicas com a Língua Brasileira de Sinais, com o objetivo de descrever o perfil dos participantes.

No segundo momento, realizamos uma entrevista semiestruturada com os onze (11) participantes interessados em continuar com a pesquisa, pois dos dezoito (18) que responderam o questionário, três (3) optaram por não continuar com o processo. A entrevista envolveu as seguintes dimensões: a compreensão de Alfabetização e Letramento, Alfabetização e Letramento de Surdos. Foi realizada uma entrevista pelo *Google Meet* com seis (6) participantes, sendo gravada com os recursos dessa plataforma, e uma pessoalmente com cinco (5) participantes com gravação pelo recurso do celular, os dados foram, posteriormente, transcritos para análise.

Os dados obtidos foram analisados com base na análise de conteúdo orientada por Bardin (2016), que é definida como uma série de técnicas que, por meio de processos sistematizados e objetivas descrições do conteúdo de uma mensagem, visam alcançar indicadores, sendo estes quantitativos ou não, que permitam inferir conhecimentos dessas mensagens. Para isso, foram seguidas as etapas, de pré-análise com a organização dos dados, exploração do material, tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Assim, acreditamos que uma minuciosa e sistemática análise trará arcabouço para perceber e compreender a relação dos posicionamentos obtidos com a realidade dos sujeitos participantes. Adotamos nomenclaturas fictícias dos voluntários para preservar a integridades destes, nomeamos os estudantes do segundo período de A2, B2, C2 e D2, e os do oitavo período de A8, B8, C8, D8, E8, F8 e G8. A seguir, apresentaremos e discutiremos os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS E ANÁLISES DE DADOS

Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar quais as compreensões dos estudantes do curso de Pedagogia da UFPE acerca da Alfabetização e Letramento de surdos. Por conseguinte, nesta seção, apresentaremos os resultados da pesquisa. Primeiramente, descrevemos o perfil dos participantes, enfatizando suas experiências acadêmicas sobre a Libras. Na sequência, faremos a análise dos dados obtidos nas entrevistas, os quais foram organizados nas categorias de Alfabetização e Letramento, Alfabetização e Letramento de surdos e Preparação acadêmica.

4.1 DO PERFIL DOS PARTICIPANTES

Com o intuito de responder nosso questionamento, bem como atender o objetivo geral desta pesquisa, iniciamos a coleta de dados por meio de um questionário, o qual foi respondido por dezoito (18) estudantes do curso de Pedagogia da UFPE. Dentre esses, três (3) optaram por não continuar com a pesquisa. Dos quinze (15) estudantes que optaram por continuar, onze (11) confirmaram e seguiram com a entrevista.

O perfil dos onze (11) estudantes que participaram serão apresentados por meio de um quadro que traz o período que está cursando, se já cursou a disciplina obrigatória de Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a eletiva de Alfabetização e Letramento de surdos, se sabe se comunicar em Libras e se já teve ou tem contato com aluno surdo.

Quadro 1 - Perfil e experiências acadêmicas dos estudantes do curso de Pedagogia da UFPE

Participantes	Período	Cursou: Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais	Cursou a eletiva: Alfabetização e Letramento de surdos	Se já teve ou tem contato com aluno surdo	Sabe se comunicar em Libras
A2	2º	X	X	X	X
B2	2º	X	X	X	X
C2	2º	X	X	Sim	X
D2	2º	X	X	Sim	X
A8	8º	Sim	X	Sim	X
B8	8º	Sim	Sim	Sim	Sim
C8	8º	Sim	X	X	Sim
D8	8º	Sim	Sim	Sim	Sim

E8	8°	Sim	X	X	Sim
F8	8°	X	X	X	X
G8	8°	Sim	X	Sim	Sim

Fonte: Autoras, 2023.

O quadro 1 é composto principalmente pelo perfil e experiências acadêmicas dos participantes entrevistados. Observamos que na nossa pesquisa participaram quatro (4) estudantes do 2° período e sete (7) estudantes do 8°. Nas abordagens, percebemos que a pouca quantidade de participantes do segundo período provavelmente se deu pelo receio de não ter experiência acadêmica para falar sobre a temática.

Em relação à disciplina obrigatória de Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais que está disponibilizada na grade de horário do 7° período, deduz-se que os alunos do 2° período se encontram no grupo dos que não cursaram, porém o quadro também mostra que o participante F8 ainda não cursou a disciplina, vale salientar que este participante afirmou ter cursado a disciplina eletiva de Alfabetização e Letramento. No que se refere a eletiva de Alfabetização e Letramento de surdos apenas os participantes B8 e D8 cursaram.

Dos participantes, cinco (5) disseram saber se comunicar em Libras, dentre eles, três informaram estar aprendendo ou sabem o básico. Quanto ao contato com alunos surdos, seis (6) responderam que já tiveram ou têm. Alguns deles especificaram, dentre eles, B8 informou contato profissionalmente; D8 teve contato com uma aluna surda e com paralisia; C2 afirmou que tem contato na instituição religiosa a qual faz parte; e D2 teve contato com uma pessoa com deficiência auditiva que fazia uso de aparelho e um surdo, sendo este aluno da sala de uma pedagoga próxima. De acordo com o Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005) considera-se deficiente auditivo a pessoa que tiver graus de perda auditiva aferidas nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz, já a surdez considera-se a pessoa que possui a perda auditiva e que tem a sua compreensão e interação com o mundo através de experiências visuais, principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A seguir, apresentaremos os resultados e discussões das entrevistas realizadas.

4.2 DAS ENTREVISTAS

Foram entrevistados onze (11) estudantes do curso de Pedagogia da UFPE que estavam cursando o segundo ou oitavo período. Apresentaremos as questões de modo sequencial ao que foi perguntado aos estudantes, as respostas serão analisadas com base nas unidades de registro e de contextos, para isso destacamos trechos de alguns participantes para elucidar a nossa discussão.

4.2.1 Compreensões de Alfabetização e Letramento

Nesta seção buscamos analisar e discutir as compreensões dos participantes acerca do que seria a Alfabetização e se o Letramento possui a mesma função. Para isso, utilizamos as questões 1 e 2 da nossa entrevista. Os resultados da questão 1 “O que você compreende por Alfabetização?”, serão apresentados no quadro a seguir.

Quadro 2 - Respostas sobre a compreensão dos voluntários sobre Alfabetização

Participantes	Respostas
C2	“Bom, eu acredito que é o processo de ensino. Onde o profissional de educação, através de meios e estratégias, vai utilizar para que o aluno possa aprender a ler e a escrever. Eu acho que é isso.”
D2	“Alfabetização pra mim é você ter o domínio do sistema de escrita e leitura daquela língua, né? Daquela língua específica, seja lá qual for, pra mim isso é Alfabetização.”
E8	“[...] na minha concepção, acho que Alfabetização eu ainda tenho aquela concepção de antigamente, que seria ensinar a ler e escrever. Eu ainda tenho essa concepção para mim.”
F8	“Alfabetização é uma série onde a gente ensina letras, a gente apresenta palavras, também sons. “
G8	“Então, duramente, seria a introdução dessa criança a essa realidade da leitura, né? Da leitura e da escrita.”

Fonte: Autoras, 2023.

Observamos que cinco (5) dos participantes definem a Alfabetização em consonância com a definição de Soares (2009) como o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Embora outros participantes não trouxeram a definição de ensinar/aprender a ler e escrever, eles trazem em suas falas, o aprendizado e compreensão da língua portuguesa, como o participante B8 ao dizer que o primórdio da Alfabetização é a aprendizagem da língua oficial - língua portuguesa - que seria aprender o alfabeto. Já o participante P8 explicita que é o contato inicial, das crianças, com a estrutura da língua portuguesa, no qual passam a compreender a forma mais básica da língua oficial do país.

Em relação à questão 2 - “Você acha que o Letramento possui a mesma função da Alfabetização? Por quê?”, todos os participantes reconhecem que o Letramento não possui a mesma função que a Alfabetização. Porém, percebemos que a maioria se confundiu ao relacionar

os conceitos, o que ainda inclui a dificuldade para a definição do Letramento, como veremos a seguir nos trechos de dois participantes do oitavo período.

Não acho que tenha a mesma função [...] Então, para mim, a Alfabetização seria realmente você ter a questão da... Significativo, sabe? Aquelas letras passam a ser significativas, elas passam a construir algo maior, elas te proporcionam refletir, analisar, entender, porque no Letramento eu posso, de repente, letrar um aluno que ele vai escrever o nome dele, sabe? E não necessariamente ele vai entender para que aquilo serve. Então, acho que a Alfabetização vai fazer essa função, né? De entender o porquê que eu estou aprendendo a escrever. (Participante C8)

[...] eu acho que são palavras diferentes na minha concepção. Alfabetizar e letrar. Acho que letrar vai mais na concepção do, sei lá, ensinar a escrever e alfabetizar. Eu acredito que deve ter algum outro significado. Mas, como eu te disse, hoje eu não saberia te explicar exatamente o que seria. Mas, para mim, são concepções diferentes. (Participante E8)

Ambos, que estão no final do curso de Pedagogia, não compreendem de forma correta e possuem dificuldades em definir e relacionar os termos anteriormente citados. O mesmo acontece com os do segundo período, como descrito por A2 que o Letramento não teria a mesma função que a Alfabetização, já que “*ser letrado*” seria entender sobre determinado assunto, dando o exemplo de quem cursa Pedagogia seria letrado em Pedagogia.

Entretanto, os participantes que tiveram contato com as disciplinas eletivas de Alfabetização e Letramento (F8), Alfabetização e Letramento de surdos (B8 e D8), respectivamente, apresentaram uma compreensão mais apropriada:

Não, eles estão interligados, mas não é a mesma coisa, não. Um completa o outro, sabe? Tipo, a gente começa na Alfabetização, apresentando as letras, as palavras, a formação de sílabas e tudo mais. Só que quando chega no Letramento, a gente já vai mais para a questão da aplicação disso. Tipo, eu não só formo palavras soltas ou sílabas soltas sem sentido. Agora, esse estudante, essa criança, ela vai escrever uma carta, um bilhete. Ela tem uma função, essa escrita tem uma função, entendeu? De levar uma comunicação para alguém. (Participante F8)

Não, não possui a mesma função, justamente porque o Letramento pretende ser mais abrangente. Tipo, o Letramento inclui outras coisas além do alfabeto e inclui a relação do alfabeto com a produção de significado, com a... Tipo, a relação com o mundo. Então, é diferente, é bem diferente. (Participante B8)

Nessas falas percebemos a compreensão de que segundo Soares (2004) o Letramento vai além da Alfabetização, já que o primeiro objetiva que o estudante consiga utilizar a leitura e escrita

em contexto sociais, isto é, compreendam a sua função social. Em contraste, percebemos que embora todos responderam que Alfabetizar e Letrar não possuem a mesma função, ao tentar conceituá-los, apenas os alunos que cursaram as disciplinas eletiva de Alfabetização e Letramento, e Alfabetização e Letramento de surdos conseguiram conceituar e exemplificar de modo correto e coerente ambos os termos.

Soares (2004) em seu estudo afirma que os conceitos já mencionados muitas vezes se misturam e até se confundem, principalmente quando nos debruçamos nos censos demográficos e produção acadêmica. Em nossas análises, confirmamos essa sobreposição dos termos, e como já citado, embora todos digam que são termos diferentes, a maioria traz em sua fala a perspectiva do conceito de Letramento arraigado no conceito de Alfabetização.

4.2.2 Compreensões de Alfabetização e Letramento de surdos

Nesta seção buscamos analisar a compreensão dos participantes sobre Alfabetização e Letramento quando direcionado à comunidade surda, baseando-se nas questões 3 e 4. Em nossas análises, percebemos que alguns alunos do segundo e oitavo período não compreendem o assunto abordado, em suas falas notam-se algumas perspectivas diferentes nas compreensões sobre essa temática.

Diante da questão 3 “O que você entende por Alfabetização e Letramento de surdos?”, o participante G8 respondeu que a comunidade surda possui uma forte postura enquanto movimento, trazendo ideias de como a oralização dos alunos surdos devem ocorrer. G8 exemplificou que a Alfabetização é diferente, pois os surdos teriam uma linguagem própria, e que deveriam aprender a escrita formal (português escrito), caso necessário. Entretanto, estudos como o de Sousa (2014) apontam que a comunidade surda legitima a perspectiva de uma educação bilíngue, em que a Libras deve ser sua primeira língua e a língua portuguesa escrita a segunda língua, visto que o uso da Libras facilita na aquisição da escrita, pois o surdo forma uma representação visual da palavra escrita em língua portuguesa, partindo do sinal já familiarizado.

O Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - (Brasil, 2014) menciona a importância do ensino do português escrito para os surdos, visto que ele se encontra como componente curricular obrigatório na educação básica e que por ser língua majoritária do Brasil, a língua portuguesa está presente nos documentos legais, jornais e literaturas, através da escrita, além de ser a língua usada na mídia através da fala e de legendas quando possível. Logo, a língua portuguesa torna-se a segunda língua dos surdos em sua modalidade escrita, sendo necessário metodologias adequadas que supram as especificidades desses indivíduos.

Em concordância com o citado anteriormente, temos o participante C2, do segundo período, que demonstrou uma compreensão mais apropriada em seu discurso:

Sendo bem sincera, eu não entendo muito. Mas, assim, eu acredito que a Alfabetização dos surdos é feita através da linguagem de sinais, né? De Libras. E, se eu não estou enganada, eu acho que primeiro eles aprendem a língua de sinais pra depois eles aprenderem a língua portuguesa. Acho que é isso.

Observamos que, mediante a sua resposta no questionário, essa compreensão é devido ao contato com surdos na instituição religiosa que frequenta. Nesse sentido, fica evidente o papel da educação informal na formação e interação do sujeito em sociedade, que segundo Gohn (2006) consiste numa educação em que a aprendizagem dos indivíduos ocorre através de suas vivências sociais, em espaços educativos que são repletos de valores e culturas próprias.

Destacamos ainda, no quadro comparativo a seguir, a fala de dois (2) entrevistados do oitavo período do curso de Pedagogia, que cursaram as disciplinas de Libras, e Alfabetização e Letramento de surdos, sendo este último cursado apenas por B8

Quadro 3 - Comparativo sobre a compreensão de Alfabetização e Letramento de Surdo de 2 participantes

Participante	Resposta
B8	Então, sobre Alfabetização e Letramento de surdos, que vai tender mais para o Letramento, eu espero, segundo Fernandes, de 2006. Enfim, as pessoas que já vêm trabalhando sobre isso, o Letramento de pessoas surdas é para que elas tenham um entendimento da língua portuguesa, e aí falando da Alfabetização, que vai aprender o português. Porque é diferente de aprender a Libras. A Libras é uma aquisição, é diferente. É bem diferente, tudo é diferente [...] Porque o mais importante é interagir com a língua, é saber os contextos que pode ser usado [...]Então, o Letramento vai, espera, vai ser bem mais produtivo na aprendizagem de pessoas surdas, justamente porque vai permitir a elas interação com o contexto e com os modos diferentes de se usar a língua portuguesa.
E8	Então, de acordo com o que eu aprendi na cadeira de Libras que eu tive no semestre passado, existem dois tipos de Letramento, vamos dizer assim, que seria da nossa língua materna, que seria o português, e tem a Libras, que seria a língua dos surdos. Então, eu acho que letar e alfabetizar na concepção dos surdos seria a parte da Libras, que seria a primeira língua materna para os surdos. Para mim, seria essa concepção, nessa perspectiva da acessibilidade de Libras para surdos. Porque a segunda língua deles seria o português, no caso. E a primeira língua seria a Libras. [...] E8

Fonte: Autoras, 2023.

Fazendo uma análise comparativa das falas dos participantes do oitavo período, percebe-se que B8, discente que cursou a eletiva de Alfabetização e Letramento de Surdos, explanou de modo mais explicativo sobre o tema perguntado, enfatizando que a alfabetização do sujeito surdo ocorre na perspectiva do Letramento. Sobre isso, Fernandes (2006) destaca que a Alfabetização, pressupõe questões metodológicas oralizadas enfatizando a relação grafema-fonema. A autora destaca que o processo de aprendizagem do surdo perpassa pelo processo de Letramento, tendo em vista que este irá considerar práticas de leitura e escrita dentro de contexto sociais. Já a participante E8, apesar do reconhecimento da Libras como língua materna e a língua portuguesa (escrita) como segunda língua, destaca em sua fala apenas a compreensão de acessibilidade à Libras.

Em relação à questão 4 “Há diferença(s) no processo de Alfabetização e Letramento de surdos se comparado aos ouvintes? Se sim, qual(is)?”, nossas análises mostram que apenas um (1) entrevistado não reconhece que existem diferenças no processo de Alfabetização e Letramento de surdos. Esse dado implica em dizer que uma parcela grande dos entrevistados (10) reconheceram que há diferenças. Entretanto, dentro dessa parcela, seis (6) apontaram essas diferenças de maneira superficial. Restando apenas quatro (4) que compreenderam de modo aprofundado as diferenças existentes e conseguem especificá-las.

A fim de exemplificar os dados levantados, destacamos a fala do entrevistado A2 que não reconhece as diferenças “[...] que é uma língua diferente. Eu acho que não vejo muita diferença, não. A dedicação tem que ser a mesma para aprender.” Também dos que as reconhecem de forma superficial: B2 “Ah, com certeza [...] Eu acho que na metodologia” e o entrevistado A8, no qual traz em sua fala que a única diferença existente é que os surdos possuem 2 línguas - Libras e português - se comparados aos ouvintes que apenas possuem o português como língua. No entanto, identificamos que os participantes não compreendem que uma das grandes diferenças entre a Alfabetização e Letramento de surdos é que, por serem sujeitos visuais, o processo não envolverá a relação fonema-grafema como os ouvintes, mas recorrerá aos recursos visuais (Fernandes, 2006).

Nossas análises ainda demonstram que dos quatro participantes que conseguiram responder, dois (2) cursaram as eletivas de Alfabetização e Letramento de surdos e um (1) Alfabetização e Letramento. Já o quarto possui conhecimento informal desse tema, como já citado na questão 3. Vejamos a seguir trechos das falas desses participantes.

Quadro 4 - Diferenças no processo de Alfabetização e Letramento de surdos e ouvintes

Participantes	Respostas
---------------	-----------

B8	[...] Há diferença no processo de Alfabetização e o Letramento, com toda certeza, sim, e o principal, ou o ponto de partida, digamos, é que precisa a língua de instrução ser a Libras. A Libras é a primeira língua, é a língua de instrução, é a língua com a qual as pessoas primeiro precisam se empoderar, se constituir como sujeito, inclusive, porque tem essa questão da identidade e da formação subjetiva das pessoas que estão aprendendo, que isso tudo é feito, ou deveria ser feito na educação infantil. E que não é como é feito, pelo método fônico. O método fônico só funciona sendo a língua de instrução em português, que não deve ser. Então, essa é a principal diferença.
D8	A Alfabetização e o Letramento da pessoa surda é diferente da pessoa ouvinte, a gente tem que deixar isso bem separado na nossa cabeça, porque o que faz sentido para nós ouvintes, não faz sentido para a pessoa surda, muitas vezes não faz, porque a gente fica ali na entoação de que a criança entende o “B” e o “A”, mas a pessoa surda, para ela não faz sentido. Então faz sentido a palavra inteira, essa questão da memorização da palavra e do final, e depois vai se contextualizando, a depender do grau de surdez também da pessoa, ou se ela já foi ouvinte, consegue fazer também um processo diferente, então, como ainda é um tudo muito novo, eu acho que precisa se debruçar para ter materiais visuais, conteúdos que sejam atrativos para a criança surda, que desperte o interesse também [...]
F8	Pronto, é que, por exemplo, com a Alfabetização de uma criança ouvinte, a gente vai pelo som, sabe? A gente fala, tipo, A de avião. E como é que eu vou dizer isso para uma pessoa surda? Então, eu tenho que ter as Libras, eu tenho que ter imagens também. Então, o método vai ser totalmente diferente. Eu não vou ficar B, A, B, nisso aqui, até porque isso até para um não ouvinte não é bom. Mas, tipo, eu não tenho esse recurso de falar B, A, B, B, B, O, B. Então, eu tenho que dar um jeito de fazer ele entender a função daquela letra sem o som. E a prática é totalmente diferente. Eu nunca tive esse contato, mas eu já imagino, sabe?
C2	Assim, eu acredito que existe sim. Acho que é bem diferente, sabe? Porque cada um possui a necessidade específica. Quando a gente olha pra questão de Alfabetização de ouvintes, como é que é feita a Alfabetização? É feita no sentido de que o professor utiliza mais a fala, sabe? Pra ensinar os seus alunos e tudo. E eu acredito que, já na questão dos surdos, vai ser utilizado mais meios visuais. Eu acho que é isso.

Fonte: Autoras (2023)

A participante B8, que possui experiência em Libras, cursou a disciplina de Libras e a eletiva de Alfabetização e Letramento de surdos, traz em seu discurso sobre a Libras na formação identitária do sujeito, o Relatório da Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (Brasil, 2014) corrobora ao afirmar que o sujeito surdo deve estar inserido em espaços que promovam a sua cultura através dos artefatos culturais que irão

desenvolver a sua identidade. Dentre esses artefatos estão a língua de sinais, leitura ou Letramento visual e imagens.

O entrevistado B8 ainda complementou que por muito tempo os sujeitos surdos foram expostos ao método fônico, mas agora se propõe a educação bilíngue. Porém, menciona que na Base Nacional Comum Curricular, o processo de Alfabetização é baseado na oralidade, isto é, no método fônico, o que não atende as pessoas surdas e que apesar de parecer redundante em sua fala, insistiu em frisar que fazer uso deste método para *“pessoas que não ouvem não faz sentido, mas é bom dizer, reforçar, porque às vezes as pessoas: “Ah, funciona!”. Não funciona”*. Dessa maneira, Fernandes (2006) destaca que os alunos surdos possuem dificuldades na aprendizagem, da leitura e escrita, pois, muitos professores tentam “alfabetizar” os surdos com métodos destinados aos ouvintes. Diante disso, o português escrito ainda permanece como um objetivo inalcançável. Segundo a autora, essas evidências demonstram que a oralização predomina os espaços escolares, disfarçada de um “pseudobilinguismo”.

Nesse mesmo sentido, o participante D8 discorreu que a utilização do método fônico não favorece a aprendizagem dos surdos, mas sim o uso da palavra como um todo. Ao somar, o entrevistado destaca a necessidade da utilização de recursos visuais como ferramenta de auxílio na aprendizagem desses sujeitos. Essa necessidade do uso de imagens e figuras também aparece nas falas dos participantes F8 e C2.

A questão 5 “Quais as estratégias utilizadas pelo professor para alfabetizar um aluno surdo?” Quando questionados, dois (2) participantes não conseguiram pontuar possíveis estratégias. O participante E8 apontou o uso da mímica nas aulas para auxiliar na associação com a imagem. Percebe-se que não há o reconhecimento da Libras como uma língua, pois a mesma, implicitamente, nos leva a entender que a comunicação/diálogo do surdo dá-se por mímica ou gestos. Sobre isso, Santos (2020) explana que é necessário quebrar com tais termos, pois esse não reconhecimento da Libras como língua resulta num retrocesso nas conquistas e superações da comunidade surda. Já a participante B2 citou a necessidade do aluno surdo participar de salas regulares e promover a inclusão através da participação de todos os alunos da turma. Entretanto, de acordo com Thoma (2016) o espaço em escolas ou classes regulares não favorece o desenvolvimento dos indivíduos surdos, visto que está rodeado de docentes e discentes ouvintes, no qual a cultura oral irá prevalecer. Diante disso, a educação bilíngue parte do pressuposto de que o ensino dos alunos surdos devam acontecer em escolas ou salas bilíngues, pois estas irão estimular o desenvolvimento linguístico dos sujeitos surdos, no qual conseguirão adquirir da Libras por estarem em contato com aos seus pares surdos.

Os demais trouxeram em suas falas a utilização da Libras como uma estratégia para auxiliar nessa aprendizagem, bem como a utilização dos recursos visuais. Vejamos como exemplo as falas dos seguintes participantes:

Quadro 5 - Estratégias para Alfabetização e Letramento do aluno surdo

Participantes	Respostas
C2	"Assim, eu acredito, como já falei, eu acho que a principal estratégia que o professor pode utilizar é a questão visual. Através de imagens, de figuras, de letras, palavras, até mesmo dos sinais. Aí ele vai ensinar o aluno surdo a realmente aprender. Acho que é isso."
D2	"[...] Uma estratégia de coisa específica, eu não sei, mas eu acho que deveria ter esse aprendizado de Libras garantidas para a pessoa, para a criança, desde cedo, para que ela pudesse se comunicar com o professor."
F8	"Tá, com o recurso da Libras, eu penso que imagens também ajudaria muito, tipo, eu trazer a imagem de um avião, de uma bola, do que quer que seja, sabe? Para tentar auxiliar esse aluno quanto ao emprego daquela letra, daquela sílaba"
B8	"Então, a primeira coisa é você fazer a instrução em Libras, essa é a primeira coisa. Mas aí, tipo, tem outras coisas. Por exemplo, para uma Alfabetização em português, é preciso entender que as pessoas surdas também, de acordo com a Fernanda, perfeita, ela informa que as pessoas entendem as palavras de maneira global. E também, não as palavras exatamente, é preciso colocar as palavras dentro de um contexto. Então, não adianta trabalhar com palavras soltas."

Fonte: Autoras, 2023.

Apesar da correta compreensão quanto ao uso dos recursos visuais, as participantes C2 e F8 mencionaram a sua utilidade para assimilarem o emprego das letras e sílabas. Em contrapartida, a participante B8, relatou que os surdos aprendem as palavras de maneira global, dentro de um contexto, e o uso de palavras soltas não faz sentido para eles e mencionando a necessidade de que o aluno, primeiramente, seja instruído em Libras antes de ser alfabetizado. De acordo com Fernandes (2006) os indivíduos surdos utilizam a rota lexical ou ortográfica para leitura e compreensão das palavras, sem que seja necessário a utilização da rota fonológica. Entretanto, essas palavras devem estar dentro de contexto, pois esse lhes trará um sentido. Nesse sentido, a aprendizagem da segunda língua deve ser mediada pela L1 para que os sujeitos compreendam as diferenças e semelhanças dos aspectos estruturais que compõem as duas línguas, e esta é indispensável para que o indivíduo se aproprie do português escrito. Sobre isso, Sousa (2021) afirma que a Libras exerce uma ação facilitadora da aquisição do português escrito, pois atuará

como suporte para o letramento das crianças surdas. Gradativamente, através de suas vivências, vão compreendendo o significado da língua em diversos contextos das práticas sociais.

O participante D2, mesmo não apontando nenhuma estratégia, declarou que o surdo precisa ter o contato com Libras desde cedo para que haja comunicação com o professor. Sousa (2014) afirma que da mesma maneira que os ouvintes são inseridos em um espaço oralizado, os surdos também devem estar submersos em um espaço que lhes proporcionem contato com a sua língua materna desde cedo, pois o domínio da L1 irá corroborar para a aquisição da L2 em sua modalidade escrita.

Ainda o participante D2, complementou seu discurso afirmando que, de acordo com sua experiência profissional e acadêmica, não há uma preparação para lidar com essa temática. Apesar do Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), garantir a inclusão da Libras como disciplina obrigatória, percebemos que a disciplina não é o suficiente para na formação acadêmica dos estudantes, por isso a necessidade de ações através de eletivas, residências, cursos de extensão, oficinas, entre outros meios que estimulem as discussões sobre a temática.

Isto posto, a participante D2 ainda relata sobre a experiência de uma pedagoga próxima que encontra dificuldades em sala de aula ao tentar se comunicar com o aluno surdo, pois a professora e o aluno surdo não sabem se comunicar em Libras, o que deixa a pedagoga “*muito angustiada*”, pois apesar de ter um “*tradutor*” e auxílio de uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), não sabe como agir e quais estratégias utilizar com o seu aluno. Sobre isso, Sousa (2014) destaca que a falta de conhecimento da Libras por parte dos agentes que formam a comunidade escolar é uma das principais causas que resultam no déficit na aprendizagem das crianças surdas.

Diante disso, o participante destaca uma deficiência na formação dos professores.

E assim, eu vejo também que o professor, o pedagogo, ele não tá realmente preparado pra trabalhar com essas crianças. Tipo, você vê na faculdade que existe tal situação, tem tal e tal deficiência. Mas eu noto, assim, que essa pessoa mesmo, ela não teve uma preparação na faculdade de realmente, não, é assim, assim, assim que se trabalha; é isso e isso que se precisa, tal, tal, tal. Tipo, de coisas mais práticas, digamos assim, de o que fazer diante de um estudante surdo. [...] Aí, é bem, eu acompanho ela de perto assim, é bem angustiante. Aí, eu não sei dizer se o curso, se as disciplinas que a gente paga seriam suficientes, eu tenho, realmente, muito interesse em fazer, e, posteriormente, em aprender Libras, também, pela necessidade que eu vejo que existe, mas, eu acho que o da faculdade não seria suficiente, não (Participante D2).

Dentro dessa narrativa, constatamos nos discursos de alguns participantes a presença de argumentos sobre a preparação acadêmica. Observemos no quadro seguinte.

4.2.3 Formação Acadêmica

Quadro 6: Discursos sobre a preparação acadêmica

Participantes	Discursos
B8	Eu fiz a disciplina de Alfabetização e Letramento de surdos porque eu já estava estudando, por isso eu queria me apropriar mais [...] Porque a gente não tem conversado sobre isso. Porque os cursos de pedagogia não tem uma disciplina sobre isso. Antes, eu nem pensava sobre isso, sabe? Então, a gente precisa pensar que essa disciplina deveria ser obrigatória, porque não adianta de nada a gente só aprender a falar algumas palavrinhas em Libras, que é uma disciplina só [...] Se, por exemplo, tivesse uma reformulação, que eu acho que até deveria ter, uma reformulação da disciplina de português 1 e português 2, que nenhuma das duas trata sobre isso, deveria ter inclusão e ser um português 3, ou, tipo, as duas já, tipo, não tratar dessa forma do método fônico, porque eu acho, também, que o método fônico tem sido usado com as crianças, mas não funciona com todas as crianças ouvintes, inclusive, não. Então, por que continuar o método fônico quando ela é discriminatória para algumas, inclusive as pessoas surdas, mas outras pessoas ouvintes também? Então, a gente deveria repensar esse método para todo mundo, mas que tenha essa especificidade de a gente trabalhar com a pessoa surda e isso ser obrigatório para todo mundo que está fazendo pedagogia, para todo mundo que está, por exemplo, fazendo na Letras Livres também. Enfim, é isso.
C8	Eu estou pagando PPP 8 no [...], e no período da tarde tem alunos que são surdos e que só são copistas. Eles não são alfabetizados, propriamente dito. Inclusive, a gente vai começar com um projeto para alfabetizá-los, e eu estou perdida. Porque é completamente diferente, né? Eu consegui ter um pouquinho de noção disso na disciplina de fundamentos do ensino de Libras. E é algo muito mais complexo, né? E demanda de um aprendizado específico. Não é com disciplina básica da universidade que eu vou saber letrar e alfabetizar uma criança, um adulto surdo.
D8	Em toda a carga horária da nossa graduação, a disciplina de inclusão não é suficiente, porque eu peguei na pandemia, então foram só três meses [...] O professor que ministrou a disciplina, ele tem uma deficiência, e ele focava muito na deficiência dele, sabe? Não acho errado, acho top [...] Então, eu paguei a eletiva de Alfabetização e Letramento de Surdo, se não fosse essa disciplina, eu não teria aprofundado o meu conhecimento sobre. Porque na disciplina de inclusão, tudo é muito raso. Eu aprendi sobre a deficiência visual é muito raso, sobre os transtornos são muito rasos, tudo é muito raso. É só um paliativo para que você entenda superficialmente o que aquilo pode ser e como você pode identificar ou práticas, talvez práticas, que você pode utilizar nas suas aulas. [...] eu acho que seria interessante que a disciplina inclusão tivesse inclusão 1 e 2, até ter um aprofundamento para que eu tivesse uma bagagem legal.
E8	Então, sobre essa questão de Alfabetização e Letramento, eu ainda não tive nenhuma cadeira, né? Porque ela não tem cadeira obrigatória. É só letiva. E eu ainda não tive a

	<p>oportunidade de pagar Alfabetização e Letramento. Quando vocês trazem essa perspectiva dos surdos, é mais importante ainda porque a gente só tem Libras. Isso! É uma cadeira de Libras. Então a gente não aprofunda [...]</p> <p>A disciplina de inclusão a gente só tem uma. E a disciplina de Libras, a gente também só tem uma. A gente não tem nenhum tipo de aprofundamento. Eu acredito que poderia ter Libras 1 e 2. Eu acredito que poderia ter a inclusão, a cadeira de inclusão, mais aprofundada e ser mais cadeiras. [...], mas eu acredito que mesmo uma eletiva, a cadeira de inclusão e a própria cadeira de Libras não é suficiente para a gente entrar no mundo. São cadeiras essenciais, importantes, mas é só o início da nossa formação. Se a gente quiser realmente trabalhar nessa perspectiva de alfabetizar e letrar surdos, a gente precisa ir bem mais além. A faculdade, eu acredito que só abre um caminho. E a questão da inclusão, ela está muito presente.</p>
--	--

Fonte: Autoras, 2023.

O quadro nº 6 demonstra os discursos de quatro (4) participantes que estão cursando o oitavo (8º) período. Esse fato se dá, pois, os participantes já cursaram as disciplinas obrigatórias de Inclusão e Libras. Os participantes B8, D8 e E8 trouxeram em seus discursos a importância das disciplinas que compõem a grade curricular abordarem a temática sobre o ensino destinado aos alunos surdos. C8 e D8 destacaram que as disciplinas obrigatórias tratam essa temática de maneira superficial, como exemplo temos o relato da experiência acadêmica do C8 ao relatar que na sala de aula que está fazendo o Projeto Político Pedagógico (PPP - 8) Estágio Supervisionado, tem um aluno surdo que é apenas copista e sente a dificuldade em propor estratégias, pois não tem conhecimento sobre o assunto. Os participantes B8 e D8 ainda vão além, ao explicitar que a disciplina eletiva de Alfabetização e Letramento de Surdo é uma disciplina essencial para o debate e aprofundamento desse tema, assim, fundamental na formação acadêmica.

Nos discursos dos participantes, nota-se um incômodo com a ausência de debates e reflexões sobre a temática, bem como a promoção de ferramentas que possibilitem a atuação dos pedagogos na educação de sujeitos surdos. Percebe-se essa ausência nas falas da maioria dos participantes ao longo da entrevista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou analisar quais as compreensões dos estudantes do segundo e oitavo períodos do curso de Pedagogia da UFPE acerca da Alfabetização e Letramento de surdos. O intuito em trabalharmos com tais períodos foi de identificarmos as compreensões sobre a temática daqueles que estão iniciando e finalizando o curso, a fim de destacarmos as peculiaridades encontradas nos discursos.

Os desdobramentos das análises e discussões mostram que, de modo geral, os alunos do segundo e oitavo períodos do curso de Pedagogia possuem uma compreensão básica sobre a

temática pesquisada. As análises também mostram que alguns participantes trazem consigo experiências extra acadêmica, a qual contribuiu para compreensão sobre alguns pontos trazidos na coleta de dados. Assim, destacamos que a educação informal possibilita que os indivíduos através de práticas e experiências compartilhadas em suas vivências, fomentem a ampliação do entendimento acerca de determinados assuntos específicos. A somar, percebe-se que os alunos que cursaram a eletiva de Alfabetização e Letramento de surdos compreendem a temática de forma mais apropriada.

Dessa forma, os estudos apresentados nesta pesquisa mostram que a temática de Letramento de surdos necessitam de investimentos na formação inicial do curso de Pedagogia, pois embora os futuros profissionais/pedagogos entendam que há uma diferenciação entre processo de aprendizagem dos surdos se comparados aos de ouvintes, ainda inclinam-se para estratégias que utilizam do método fônico para Letramento desses indivíduos.

Sendo assim, observamos que a eletiva de Alfabetização e Letramento de surdos possui aspectos pertinentes que fomentam conhecimento dos estudantes do curso, sobre desafios encontrados no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos, logo oferece alternativas e estratégias educacionais, a fim de proporcionar para esses alunos uma aprendizagem significativa. Ressaltamos a importância deste trabalho para formação de pedagogos que valorizem a cultura da comunidade surda e corroborem para sua aprendizagem a partir de práticas que atendam as especificidades desses indivíduos.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para um alargamento quanto às discussões sobre a temática supracitada e para o surgimento de novas pesquisas, ampliando a amostra para as licenciaturas diversas da UFPE, bem como para as demais instituições públicas do Estado de Pernambuco, averiguando como está se dando a formação dos futuros pedagogos sobre a educação para surdos. Sugere-se ainda que essas pesquisas trabalhem intervenções buscando estratégias, como a criação de oficinas e cursos de extensão sobre Libras e Letramento de surdos, de modo que venha contribuir para que os licenciandos possuam uma compreensão mais apropriada sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. A. G. C. Modelo de Educação Bilíngue para surdos. *In*: MOURA, M. C. de; VERGAMINI, S. A. A.; CAMPOS, S. R. L. de. **Educação para Surdos: Práticas e Perspectivas**. Livraria Santos Editora, 2008, p. 1-28.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016, p. 48
- BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: DF, 2002, pág. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 09 de abr. de 2023.
- BRASIL. **Decreto 5.626/05, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: DF, 2005. pág. 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-norma-pe.html>. Acesso em: 20 de fev. de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Relatório do Grupo de Trabalho designado pelas Portarias no 1.060/2013 e no 91/2013**. Subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa – a ser implementada no Brasil, 2014. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3120077/mod_folder/content/0/Relat%C3%B3rioMEC_SECADI.pdf?forcedownload=1. Acesso em 30 de abr. de 2023
- BRASIL. **Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília: DF, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 16 de fev. de 2023.
- FERNANDES, S. F. **Práticas de letramentos na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.
- FURTADO, L. Dos S.; OLIVEIRA, W. M. M. de. Currículo surdo universitário: aproximações teóricas dos estudos culturais e dos estudos surdos. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59761>. Acesso em: 06 de jan. de 2023
- FREITAS, I. F. DE. Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, e250034, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250034>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6WQDTppcbZMKyHbTyfCbnVC/?lang=pt>. Acesso em 10 de abr. de 2023
- GARRUTTI-LOURENÇO, E. A; HOLLOSI, M.; FINCO, S; SANCHES, M.C. Contação de histórias para crianças ouvintes e surdas. *In*: GARRUTTI-LOURENÇO, E. A. **Educação bilíngue para surdos**. 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017, P. 73 - 86.
- GOHN, M. DA G.. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas

nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27–38, jan. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/#>. Acesso em 07 de set. 2023

KOBER, D. C. Práticas de Letramento na Educação de Surdos. *In*: MOURA, M. C. de; VERGAMINI, S. A. A.; CAMPOS, S. R. L. de. **Educação para Surdos: Práticas e Perspectivas**. Livraria Santos Editora, 2008, p. 161-186.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 26. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 21.

OLIVEIRA, R. A. de.; SILVA, E. da. O processo de alfabetização e letramento do surdo. **Revista Trama**, v. 7, n. 14, p. 69–82, 2012. DOI: 10.48075/rt.v7i14.5785. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/5785>. Acesso em: 28 de jan. de 2023.

ROSA, E. F.; CHAVES, G. de M. Culturas surdas no currículo universitário: Um estudo de caso. *In*: **Anais do 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 5º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**. Canoas: PPGEDU, 2019. Disponível em: <https://www.2019.sbece.com.br/site/anais2?AREA=11>. Acesso em: 06 de jan. de 2023

SANTOS, J. K. C. R. dos. **A relevância do ensino de Libras nos anos iniciais do ensino fundamental: desconstruindo alguns mitos**. Patos, 2020. 26 f.: il. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1271>. Acesso em 08 de set. de 2023

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5–17, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt>. Acesso em 10 de abr. de 2023

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2009. p. 47

SOUSA, W. P. de A. Alfabetização de crianças surdas na perspectiva do letramento. *In*: FARIA, E. M. B. de; MELO, L. G. D. de.; CAVALCANTE, M. C. B.; FERNANDES, T. A. (org.). **Letramento e inclusão**. João Pessoa: Editora UFPB, 2014. v. 1, p. 49-61.

SOUSA, W. P. A. A criança surda: reflexões sobre o processo de alfabetização e letramento em salas bilíngues. *In*: SILVA, R. A. F. Da; HOLLOSI, M. (Orgs.). **Educação de surdos, linguagens e experiências**. Uberlândia, Navegando Publicações, 2021

THOMA, A. da S. Educação Bilíngue, nas Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos: discursos e estratégias de governmentação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 755-775, jul./set. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/61087>. Acesso em 07 de set. de 2023.